

A RELAÇÃO ENTRE FORMA ARTÍSTICA E PROCESSO SOCIAL: O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO DE ROBERTO SCHWARZ

p. 36 - 44

Sandra Valéria Dalbello de Mesquita¹
Samuel Ronobo Soares²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo traçar o percurso crítico de Roberto Schwarz, evidenciando alguns caminhos que influenciaram o pensamento do autor para a formulação de uma teoria crítica dialética. Para isso, tornou-se necessário, primeiramente, traçar um breve panorama das condições teóricas e contextuais que permitiram ao crítico refletir sobre a relação entre forma artística e processo social. Assim, pôde-se perceber que Roberto Schwarz, ao desenvolver a sua crítica, apresenta uma dupla influência: de críticos que pensaram a forma do objeto literário como cifra do social e de autores que refletiram sobre a condição política do Brasil (localista) em relação às ideias liberalistas européias (cosmopolitas).

Palavras-chave: crítica literária; literatura brasileira; Roberto Schwarz.

Abstract

This study aims to outline the critical trajectory of Roberto Schwarz, evidencing some ways (fields) which influenced the author's thought to formulate a dialectical critical theory. For this, it was necessary, firstly, to outline a brief overview of the theoretical and contextual conditions which allow the critic to think about the relation between artistic form and social process. Thus, It is known that Roberto Schwarz while developing his review, he shows a Double influence: from critics Who thought the way the literary object like social figure and from authors Who thought about the political condition of Brazil (localist) in relation to the European liberal ideas (cosmopolitan).

Keywords: literature criticism; brazilian literature; Roberto Schwarz.

Introdução

Qual é a tarefa de um crítico literário diante de um material artístico? Como um crítico considera, avalia, analisa e interpreta uma obra de arte? Deve-se entender a arte como objeto autônomo da linguagem ou é necessário inseri-la dentro de uma realidade? As respostas para esses questionamentos podem ser variadas e divergentes em vários sentidos, pois ao formular pressupostos teóricos, métodos e dispositivos analíticos, os críticos de variadas vertentes assumem pontos de vista diferenciados em relação ao objeto investigado, a fim de formular um conceito acerca da estética do material artístico.

1-Possui graduação em LETRAS português/ inglês pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí (2002). Especialista no Ensino de Língua Inglesa. Atualmente é professora de Língua Inglesa no Instituto Federal do Paraná

2-Professor de Literatura Brasileira do Instituto Federal do Paraná-Campus Umuarama.

Para exemplificar o fenômeno descrito acima, pode-se citar os métodos do Formalismo Russo e o do New Criticism. Ainda que separados geograficamente (o Formalismo Russo se desenvolveu na Rússia entre os anos de 1915 e 1930 e a Nova Crítica, dos Estados Unidos, entre os anos de 1940 e 1950) as duas teorias, adotando métodos de análise diferenciados, o que o contexto permitia, foram influências decisivas para que a “teoria literária se firmasse como disciplina pautada por parâmetros científicos ao lado da Linguística e das demais Ciências Humanas” (JUNIOR, 2003, p. 93).

Para os Formalistas Russos, por exemplo, o objetivo geral dos pesquisadores era explicar o que faz determinada obra ser considerada literária. Para isso, Chklovski (1976) desenvolve os termos procedimento, fábula e efeito de estranhamento, os quais seriam as formas distintivas entre a natureza da linguagem literária e da linguagem prosaica. Nesse sentido, a desautomatização da linguagem cotidiana seria um dos pressupostos básicos para as teorias ou críticas formalistas.

Desse modo, se por um lado, como visto acima, algumas teorias críticas se pautam na estrutura do texto e em seus elementos formais para a caracterização do que seria literário, por outro lado, para a Crítica Sociológica, por exemplo, o fenômeno da literatura se configuraria de modo diferente, fazendo parte de um contexto maior, inserido em uma sociedade e em uma cultura. A literatura estaria ligada a vida social, carregando as marcas do contexto em que foi produzida, considerando a escrita de um país, um sistema linguístico, um modo político, econômico e social como um todo. Segundo Silva (2003):

Em outras palavras, a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da inspiração do artista. Ela é criada dentro de um contexto; uma determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto ela carrega em si as marcas desse contexto (SILVA, 2003, p. 123).

A partir desse ponto de vista, a crítica sociológica não faria a leitura de um texto literário como um fato recorrente na vida de um indivíduo, mas como um relato simbólico de uma sociedade. Para essa linha teórica de se considerar a literatura, o texto literário deve conseguir agregar, em sua estrutura, os mecanismos contextuais ou sociais de uma determinada sociedade, não como elementos reveladores de meio social, mas devem estar presentes na própria configuração da estrutura do texto.

Entretanto, como toda linha teórica-crítica apresenta suas limitações e dentro desses limites evidenciam suas propostas analíticas, não se pode esquecer, como salienta Foucault (2010), em *Arqueologia do Saber*, que o contexto social e a história legitimam possibilidades e formas de pensamentos que justificam as teorias “criadas”. Para o autor, o objeto investigado não está na realidade, determinado ou acabado, mas ele se constrói a partir das possibilidades que o contexto e o entorno social permitem que se possa teorizar ou pesquisar.

A partir desses pressupostos e dentro das possibilidades que permitem determinada forma de pensamento, este trabalho pretende realizar o percurso crítico de Roberto Schwarz, mais

especificamente, as influências que garantiram ao crítico entrelaçar cultura, estética e política. Ao analisar os bens culturais da sociedade brasileira, o crítico toma como base analítica os dilemas que cercam a experiência país, abrindo caminhos para se pensar na totalidade cultural. O autor consegue estabelecer, dentro de um percurso histórico, a cultura nacional como núcleo de sua reflexão, percorrendo desde meados do século XIX até os dias de hoje.

Local e cosmopolita: influências brasileiras e estrangeiras para o pensamento crítico de Roberto Schwarz

Para se pensar no percurso crítico de Schwarz e as influências que promoveram um pensamento dialético crítico diante de objetos culturais, torna-se necessário, antes de tudo, delinear alguns pontos referentes à formação da literatura brasileira, a fim de demonstrar o percurso ideológico de concepções e de métodos de análise, para se chegar a uma forma de pensamento que ressalta aspectos sociais, culturais, políticos e estéticos que integram no próprio objeto artístico. Para isso, essa parte do trabalho fará algumas explicações sobre duas concepções importantes no debate sobre o objeto estético: o ideal nativista, construído a partir da segunda metade do século XIX; e o estruturalismo, funcionando para a elevação da teoria e da crítica literária ao patamar de ciência. Somente assim, consegue-se pensar na proposta dialética entre processo social e forma artística.

Em todo o percurso crítico literário brasileiro, houve muitas formas e tentativas de compreender o processo de formação de uma literatura brasileira, evidenciando algumas

especificidades, as quais buscariam dar à literatura brasileira uma espécie de libertação dos modelos europeus. Baseando-se em um critério etnográfico, Silvio Romero (1953), propõe uma realização estética literária brasileira pautando-se no critério nacionalista, ou seja, quanto mais arraigado às tradições nacionalistas, maior seria o valor estético do texto. Para o historiador e crítico literário, os fatores externos como, por exemplo, meio e raça determinariam o surgimento de uma literatura brasileira, com algumas particularidades próprias.

O projeto de implantação de uma literatura própria, pautado em sugestões de críticos estrangeiros, surge como principal mote para a evocação de imagens locais, valorizando o que de mais valioso pertence ao Brasil. O que se evidencia nesse projeto é uma reivindicação para a inserção das imagens nacionais na literatura brasileira, uma espécie de reação contra os usos excessivos dos elementos europeus na poesia.

Em contrapartida, Machado de Assis (1957), em *Instinto de Nacionalidade*, critica o tom simplesmente alegórico e documental da literatura brasileira ao valorizar uma paisagem que serve apenas como pano de fundo, e propõe uma estética de caráter mais local. Para o escritor e crítico literário, o que se espera de um autor brasileiro é um sentimento íntimo com o contexto nacional, que o torne um homem de seu tempo e de seu país. Além disso, o crítico não descarta a autonomia de uma realização estética própria, pautando-se no critério localista de uma produção artística.

Por um lado, a crítica historiográfica, preocupada com a implantação de um sentimento

nacional ou uma identidade assume papel legitimador das ideias brasileiras, instituindo uma série de conceitos que permeariam todos os estudos literários do século XIX. Por outro lado, o mesmo nacionalismo contribuiu para a omissão de fatos contraditórios na formação da nacionalidade, edificando uma imagem positiva do Brasil, tornando o conceito nativista inoperante.

Por outro viés, Afrânio Coutinho (2001), em *Introdução à literatura no Brasil*, transforma o nacionalismo em traço secundário de sua base analítica, uma vez que o nacionalismo já está no germe da produção literária brasileira. Para o crítico, a historiografia literária deveria se desvincular de qualquer especulação social, adotando um critério estritamente literário, a partir da noção de que a literatura se desenvolve como literatura. Coutinho (1970), em *Literatura no Brasil*, demonstra como deveria ser uma análise estética da literatura, ressaltando-se os aspectos internos dos textos em detrimento do social.

Pode-se perceber, até agora, que a crítica historiográfica de Silvio Romero suprimia a liberdade ficcional em função dos princípios normativos de objetivação de uma nacionalidade. A proposta de Coutinho vai contra essa postura da crítica historiográfica e se propõe a fazer um projeto estético literário, a partir dos elementos internos do texto, rejeitando o conceito de nativismo como critério de seleção de textos literários brasileiros. Diante dessa dualidade e impasses com relação ao sentido de formação da literatura, um questionamento se torna visível: como fazer um projeto que não particularize somente o social (nacionalismo) e nem coloque a estrutura como

fonte primordial de análise dos textos literários, excluindo as especificidades da cultura brasileira?

Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, propõe analisar os textos literários do ponto de vista do historiador e do crítico literário. O objetivo do autor é estudar “a formação da literatura brasileira como sínteses de tendências universalistas e particularistas” (CANDIDO, 2007, p. 25). É a partir dessa tese, local e universal, que o crítico lança a noção de literatura como sistema, assim se posicionando:

a existência de um conjunto de produtores literários, mais u menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (CANDIDO, 2007, p. 25).

Em *Literatura e Sociedade*, Candido (1985), para justificar a fundamentação sociológica para a análise do texto literário, crítica tanto a postura historiográfica, a qual “procurava-se mostrar o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade”, quanto à postura estruturalista:

procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma particularidade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão (CANDIDO, 1985, p. 04).

Segundo o autor, ao estabelecer como parâmetro de análise apenas um dos aspectos

separadamente, o objeto literário perderia a sua totalidade. Para compreender esse fenômeno, Candido (1985) propõe, como método de análise, a fusão entre forma e contexto, em uma compreensão dialética integradora:

em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo (CANDIDO, 1985, p. 04).

É nesse ponto de vista, que o crítico desenvolve proposta dialética, considerando o externo, não como causa da produção literária – como queriam os críticos marxistas – mas como elementos que desempenha certo significado na constituição da estrutura, tornando-se, assim, interno.

Como o objetivo desse trabalho é apresentar as influências do crítico Roberto Schwarz para a configuração de seu método de crítica estética, a contextualização do percurso da crítica literária brasileira tornou-se de extrema importância, a fim de evidenciar como a crítica do autor se configura em um determinado espaço histórico, evocando tanto os aspectos formais artísticos quanto contextuais.

No livro de ensaios *Ao vencedor as batatas*, o crítico trata das contradições da importação do modelo europeu de romance feita por José de Alencar, uma vez que a sociedade brasileira, formado no seio do capitalismo, não se adequava ao esquema estrangeiro. A partir

dessa observação, pode-se pensar em uma conexão entre dois aspectos importantes na formação do pensamento crítico do autor: a relação entre forma artística e condição histórica.

É a partir dessa reflexão realizada sobre o romance é que Schwarz (2000) coloca no cerne da discussão a condição estruturadora do país, envolvendo aspectos políticos, culturais e sociais para compreender a produção literária no Brasil. Para o crítico, se, por um lado, os escritores brasileiros, importavam um modelo europeu de produção artística; por outro, o mesmo não era acompanhado do movimento histórico que o constituiu. A partir dessa aparente ambiguidade, os escritores brasileiros, ao deslocar uma forma ou um modelo artístico para um novo contexto ideológico, também sofreriam modificações, constituindo, assim um novo modelo, de modo a adequar a forma ao novo contexto que o constitui.

Pode-se dizer que é essa a tese central do crítico: tentar elucidar os processos sociais entre o universal – ideias da civilização burguesa – e o particular – contexto de uma periferia capitalista. Para evidenciar essa especificidade do pensamento de Schwarz torna-se necessário realizar em estudo das influências e teorias que o crítico sofre para explicar que o local e o cosmopolita, na verdade, estão interligados dialeticamente.

Na crítica do autor, dois processos essenciais para a formulação de sua tese são evidentes: 1) a influência estética e 2) influência político-social. Com relação à influência estética,

a crítica de Antonio Candido se torna evidente. Tanto para Candido como para Schwarz a obra de arte não funciona como documento de uma realidade, como queriam os escritores da estética realista. O que interessa aos críticos é como se organiza o material externo à obra, ou seja, como a matéria organizada configura o contexto social, ou seja, como os elementos sociais se integram à dinâmica da obra. Segundo Rosatti (2010):

A força do romance é assegurada quando a sociedade não é retratada como contexto externo, mas como elemento configurado internamente à obra. Ou seja, o acerto da obra literária ocorre quando o dado externo se transfigura em forma artística, isto é, quando o processo social se configura em forma (ROSATTI, 2010, p. 158).

Adorno (1967) e Lukács (2010) também são fortes influências para a produção intelectual de Schwarz no que se refere ao modo de pensar a forma artística. Ao refletir que a forma do romance europeu não corresponde à realidade nacional, a partir da leitura de Teoria do Romance, o crítico tece seu conceito de obra a partir do pressuposto histórico de evolução do gênero romance.

Para Lukács, o gênero romance é por excelência um advento da modernidade, partindo da ideia de que seja a epopeia da burguesia. Enquanto a epopeia fala da integração entre homem e o mundo, a narrativa moderna expõe as situações do indivíduo chocando-se com a sociedade. A partir da evolução histórica e social, o próprio gênero traz, em sua forma, o processo de individualização do sujeito.

De Adorno, Schwarz aproveita do conceito de Impulso mimético, a fim de compreender a relação entre mimeses e forma artística, ou seja, para ambos a realidade social é interna ao objeto literário. Para López (2007):

[O impulso mimético não seria a reflexão da realidade da qual Lukács falara, mas sim o repensar das dinâmicas da forma, justamente o que distingue a abordagem marxista dos estudos formalistas. Ou, como bem coloca Schwarz, o problema do formalismo foi ter, ironicamente, subestimado a própria forma literária (LÓPEZ, 2007, p. 28).

Em Um seminário de Marx, Schwarz expõe um dos princípios básicos adornianos, a ideia de que a obra, em seu momento histórico específico, consegue decodificar a realidade e a devolve articulada em uma linguagem formal, a qual revela as condições de produção, ou seja, os discursos que formam um todo ideológico.

De Benjamin, Schwarz se aproveita do conceito de constelação, para explicar que não há um único meio de captar a realidade, ou seja, deve-se encontrar, dentro do texto, as configurações ou as constelações que iluminam o momento histórico. Nas palavras de Schwarz (2000)

Repitamos que o objetivo desse tipo de imaginação não é a redução de uma estrutura a outra, mas a reflexão histórica sobre a constelação que elas formas. Estamos na linha estereoscópica de Walter Benjamin, com a sua acuidade, por exemplo, para a importância do mecanismo do Mercado para a compleição da poesia de Baudelaire. (SCHWARZ, 2000, p. 166)

A partir desses três críticos – Candido, Adorno e Benjamin – os pressupostos básicos com relação a forma artística de Schwarz se firma para a realização das análises dos romances de Machado de Assis, principalmente da segunda fase. Entretanto, como exposto acima, além das influências para se pensar a forma artística, o crítico também se aproveita das teses de dois brasileiros para refletir sobre aspectos políticos e sociais na formação dos romances brasileiros.

Entre os trabalhos discutidos em Um seminário de Marx pode-se citar dois principais:

Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional (1962), de Fernando Henrique Cardoso e Homens livres na ordem escravocrata (1964), de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Segundo Rosatti (2010), ambas as obras demarcavam, de forma diferentes, o funcionamento do capitalismo no Brasil. Para a autora:

Schwarz ressalta que são trabalhos de síntese de uma geração e reveladoras da vigência de específicas relações sociais brasileiras, formando linhas interpretativas cujo acúmulo foi um momento desprovincianizador da história do pensamento social brasileiro (ROSATTI, 2010, p. 183-4).

Ainda segundo Rosatti (2010), o grande avanço que Schwarz destaca na obra de Cardoso (1962) está na compreensão articulada entre capitalismo e escravidão, dependência e autonomia, periferia e centro. Para Cardoso (1962), as experiências da escravidão e do capitalismo coexistiram no mesmo solo, termos teoricamente opostos e excludentes, mas que permitiram o desenvolvimento do país.

Por outro lado, Franco (1964) expõe a relação entre dependente e proprietário. O tema central da tese da autora é revelar formas específicas de relações sociais, as quais o clientelismo, paternalismo, favor e tanto outras formas de protecionismos estavam engessadas na sociedade brasileira e como dificultavam a fixação das formas democráticas no Brasil. Segundo Rosatti (2010),

Maria Sylvia nos mostra que a sociedade recém-ingressa nas relações de mercado tinha uma camada popular sem meios para socorrer, sem uma fonte regular de dinheiro, para sobreviver, essa ampla população esteve subjugada às vontades do seu superior, num sistema de dominação que se utiliza do exercício pessoalizado e autoritário do poder (ROSATTI, 2010, p. 186).

A partir desses dois trabalhos, Schwarz desenvolve toda uma reflexão sobre a participação

do Brasil na lógica econômica mundial, como um subconjunto periférico em relação ao sistema capitalista central. Para o crítico, o avanço do país se deu pelas atrasadas forças locais (escravatura) com os avanços liberais.

Como visto, até o momento, as ideias que fundamentam Schwarz tentam captar tanto o particular (as experiências locais nacionais) e o universal (concepções liberais européias), em uma relação dialética que se complementa. As discussões entre centro e periferia ressaltam tanto questões artísticas formais quanto político-sociais, com a finalidade de refletir sobre os mecanismos de reprodução social e cultural que se instalou no Brasil.

Considerações Finais

Como o objetivo deste trabalho é revelar as influências de Roberto Schwarz para se pensar em uma crítica dialética entre forma artística e processo social, pôde-se perceber tanto influências que determinaram no modo como o crítico pensou a forma artística, a qual está diretamente relacionada à estrutura social e aos processos culturais. Para essas ideias, foram importantes a crítica de Antonio Candido, Adorno e Benjamin dentre outras teorias não destacadas como, por exemplo, a teoria marxista e a análise de texto e explanação histórica proposto por Auerbach.

Além de influências para conceber forma artística, outras teorias fomentaram a reflexão sobre os modos de apropriação cultural brasileiro a partir de modelos liberais capitalistas e regime escravocrata. Assim, as teses de Fernando Henrique Cardoso e Maria Sylvia de Carvalho Franco foram fundamentais para pensar a situação do Brasil inserido em um contexto liberal.

A partir desses dois processos – forma e contexto – a crítica de Schwarz, acompanhando as leituras sociológicas, toma consciência das relações internas de exploração de classe no Brasil

comparando a situação mundial ligadas ao modelo capitalista. A literatura, nesse caso, principalmente as obras de Machado de Assis da segunda fase, consegue evidenciar claramente alguns meios pelos quais se organizava a sociedade brasileira do século XIX, não apenas evidenciando aspectos estritamente ligados a vida social (vestimenta, modos, costumes, etc), mas revelando, em sua própria forma, como ocorria a aquisição de produção cultural europeia em um país fortemente ligado ao modelo escravocrata. Trata-se, pois, da ideia de reversibilidade entre o social e o estético, permitindo que se veja uma na outra.

Torna-se importante ressaltar, para finalizar e como destacado no início deste trabalho, que o método adotado depende do ponto de partida para perceber o objeto investigado. É evidente que a proposta de Schwarz representa apenas uma das formas de observar e pensar no processo artístico literário. Outras vertentes permitem outros modos ou outras visões para se refletir sobre o mesmo fenômeno. Entretanto, para se evitar “mutilações” ao privilegiar somente a estrutura ou somente o contexto, pode-se perceber que a proposta de Schwarz se refere exatamente em integrar a forma e o contexto em uma relação dialética, ou seja, a obra decodifica a realidade e a devolve articulada em linguagem formal.

Referências:

- ADORNO, T. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- _____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- CARDOSO, F. H. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.
- CHKLOVSKI, V. A Arte como procedimento. In. EIKHENBAUM, B. [et al]. **Teoria da Literatura: formalistas Russos**. Porto Alegre: Globo, 1976.
- COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Sul América, 1970.
- _____. **Introdução à literatura no Brasil**. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FRANCO, M. S. de C. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: UNESP, 1997.
- JUNIOR, A. F. Formalismo Russo e New Criticism. In. BONNICI, T e ZOLIN, L. O. (org) **Teoria Literária**. Maringá: Eduem, 2003.
- LÓPEZ, S. L. Olhares periféricos: a teoria estética de Adorno no Brasil. In. CEVASCO, M. E. e OHATA, M (org). **Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LUKÁCS, G. **Teoria do Romance: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades, 2010.
- MACHADO DE ASSIS, M. Instinto de Nacionalidade. In._____. **Crítica Literária**. São Paulo: Editora Brasileira Ltda, 1957, p. 129-149.

ROMERO, S. **História da Literatura Brasileira**. Livraria José Olympio: RJ, 1953. (5 vols.)

ROSATTI, C. G. **Roberto Schwarz, arquitetura e crítica**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2010.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

_____. **Um seminário de Marx**. *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 50, p. 99-114, março, 1998.

SILVA, M. C. **Crítica Sociológica**. In: BONNICI, T e ZOLIN, L. O. (orgs). *Teoria Literária*. Maringá, Eduem, 2003.

Enviado: 18/11/2015

Aceite: 20/12/2015